

Moby Dick

Herman Melville



adaptação de Leonardo Chianca

ilustrações de Salmo Dansa



editora scipione



Responsabilidade editorial
Mauro Aristides
Edição de texto
José Paulo Brait
Assistência editorial
Ivonete Leal Dias
Roteiro de trabalho
Catarina Iavelberg
Coordenação de arte
Maria do Céu Pires Passuello
Programação visual de capa e miolo
Aida Cassiano
Ilustrações
Salmo Dansa



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
CEP 05425-902 – São Paulo, SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br
e-mail: atendimento@scipione.com.br

2014
ISBN 978-85-262-8222-3 – AL
ISBN 978-85-262-8223-0 – PR
CAE: 261716
Cód. do livro CL: 737789

2.^a EDIÇÃO
4.^a impressão
Impressão e acabamento

• • •
Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

• • •



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chianca, Leonardo

Moby Dick / Herman Melville; adaptação de Leonardo Chianca; ilustrações de Salmo Dansa. – São Paulo: Scipione, 2003. (Série Reencontro infantil)

1. Literatura infantojuvenil I. Melville, Herman, 1819-1891 II. Dansa, Salmo. III. Título. IV. Série.

03-3038

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantojuvenil | 028.5 |
| 2. Literatura juvenil | 028.5 |

Sumário



O mar é minha casa.....	5
A Estalagem da Baleia	6
Dois amigos	9
Pequod – meu belo navio.....	13
Natal em alto-mar	17
Moby Dick e o desafio de Ahab.....	22
A baleia fantasma e a grande baleia de Stubb	26
Notícias de Moby Dick.....	30
Meu amigo está doente.....	32
A última lágrima do capitão	36
Direto do abismo	39
A luta final.....	42



O mar é minha casa

Meu nome é Ismael. Vou contar uma história que aconteceu comigo. Ela parece inacreditável, mas posso jurar que é a mais pura verdade.

Há alguns anos, ao perceber que meu porta-moedas estava quase vazio, e antes que passasse por maiores necessidades, decidi voltar a navegar.

Eu não tinha nada que me prendesse em Manhattan, lugar onde vivia. Não era casado, não tinha filhos nem emprego fixo. Vivia de bicos – um serviço aqui, outro ali. E, de tempos em tempos, fazia o que mais gostava no mundo: lançava-me ao mar, que sempre adorei, a navegar por suas águas de horizonte infinito que inundam nosso planeta.

Como eu não tinha um barco, viajava como marujo. Não era complicado: ia até o porto, procurava uma embarcação que estivesse saindo para comercializar um produto em algum canto do mundo, oferecia-me para trabalhar a bordo, acertávamos um valor e pronto – eu embarcava. Geralmente eram viagens que costumavam durar dois ou, às vezes, seis meses. Apenas algumas duravam quase um ano, em alto-mar.

Daquela vez, resolvi embarcar em um baleeiro para caçar baleias. Não sei bem por quê, mas sempre tive atração por baleias, monstros impressionantes e misteriosos que povoavam minha imaginação desde criança.

Ao pensar que elas eram encontradas em mares que eu desconhecia, como o oceano Pacífico, fiquei ainda mais atraído. Sempre adorei o desconhecido, lugares novos e paisagens surpreendentes, navegar em mares perigosos e desembarcar em praias selvagens.

No mar, sinto-me como se estivesse em casa. Para mim, ele era um lugar onde descobria um mundo diferente e fazia novos amigos.

A Estalagem da Baleia

Era uma tarde de dezembro. Enfiei uma calça e duas camisas em meu saco de marinheiro e parti em direção ao Pacífico. Quer dizer, tive primeiro de ir ao porto de New Bedford e, dali, à ilha de Nantucket, de onde saíam os melhores baleeiros americanos, ponto de partida das mais antigas expedições.

A noite em New Bedford estava úmida e muito fria. Eu logo soube que teria de esperar dois dias por uma embarcação que me levasse a Nantucket. Precisava encontrar, então, um lugar para dormir, mas que fosse muito barato, pois quase não tinha dinheiro.

Depois de perambular por todas as ruas próximas ao cais, encontrei uma espelunca com uma tabuleta, que rangia balançando ao vento e que tinha um desenho meio apagado de um jato de água espirrando para o alto. Abaixo dele, o nome do lugar: “Estalagem da Baleia”.

Não tive dúvidas de que ali passaria minha noite. Empurrei a porta e entrei, cauteloso. Vários marinheiros, sentados em volta de uma grande mesa, bebiam em silêncio. Um relógio de parede marcava quase meia-noite. E, atrás do balcão, um homem sisudo olhava-me enquanto enxugava um copo.

– Boa noite, senhor. Queria um quarto para duas noites.

– Impossível – respondeu ele –, todos os quartos estão ocupados.

Ao perceber minha expressão de quase desespero, pois imaginei como seria desastroso dormir na rua, com um tempo daqueles, o homem bateu com a mão na testa e me propôs:

– Espere um pouco! Há uma possibilidade... Você vai sair à pesca da baleia, não é?! – perguntou ele.

E, antes que eu respondesse, prosseguiu:

– Seria inconveniente partilhar uma cama com um arpoador? É uma cama grande, fique tranquilo. Assim, você já vai se habituando com seus futuros companheiros de viagem!

A possibilidade de dormir com um desconhecido não me animava, mas o que poderia fazer? Além disso, a hospedagem ficaria quase

de graça. Aceitei, então, a oferta, porém quis saber quem seria meu companheiro de quarto.

– É um bom homem, não se preocupe – disse ele, sorrindo. – É só um pouco esquisito... Mas venha, sente-se aí para que eu lhe sirva alguma coisa para comer.

Meia hora mais tarde, eu estava aquecido e de barriga cheia, e o dono da estalagem levou-me até um pequeno quarto no andar de cima.

O cômodo era rústico, com poucos objetos. Sua cama era realmente enorme e podia acomodar vários arpoadores. Próximo a ela, havia um molho de anzóis e um grande arpão, o que me chamou a atenção.

Confesso que não me sentia à vontade com a situação, mas estava confiante de que tudo daria certo.

Quando já me encontrava debaixo das cobertas, a porta se abriu. “Ai, meu Deus, me proteja!”, pensei.

